



Carta a minha filha

Como explicar a uma incrédula jovem universitária
de 19 anos as alegrias de amar só um homem?

MARGARET LANE

QUERIDA SHEILA,

Lamento muito que você tenha ido embora ontem à noite quando estávamos ambas sentidas, e lamento mais ainda por não ter conseguido explicar-me quando você me contou que estava apaixonada por Doug e queria ir viver com ele. «Ano que vem provavelmente será com outro», disse você, tão despreocupadamente como se estivesse planejando trocar seu casaco velho por um novo. «Por que não desfrutar várias relações ao longo do tempo, em vez de ficar presa toda a vida a uma só?»

Depois que você pegou o carro e voltou à universidade, passei o resto da noite tentando imaginar

se seria possível que mães e filhas discutissem algo mais importante de que a altura das bainhas, conseguindo se entender. Apesar de tão chegadas, são, às vezes, tão estranhas como pessoas que acabam de se encontrar num aeroporto e vão partir em aviões diferentes.

Talvez seja porque mães e filhas neguem umas às outras aquilo que aceitam em qualquer outra mulher: a força dinâmica da sexualidade. Você não consegue me visualizar como uma mulher com necessidades normais e desejos, mas tão-somente como «mamãe». Eu, embora diga que você já é adulta (e me lembre perfeitamente dos sentimentos apaixonados que

eu sentia aos 19 anos), admito que, no fundo, não consigo pensar em você como pessoa crescida.

Durante todos estes anos em que você e eu nos conhecemos, nunca me senti tão incapaz quanto me sinto agora, tentando imaginar o que dizer. Como lhe poderei explicar o que significa amar (*estar apaixonada por*) um só homem, durante estes anos todos em que amei seu pai?

«Que banalidade!», responderá você. «Que monotonia!»

Lembra-se daquele ano que passamos na praia, e de como você nunca se cansava de observar o mar em frente? Sempre o mesmo – e, no entanto, sempre diferente. Você o amava nos dias ensolarados e o amava também nos dias tempestuosos, quando as ondas eram montanhas de espuma e o vento arrastava as algas secas pela areia. Cada vez que você ia passear na praia, encontrava algo novo. No verão, começou a fazer explorações submarinas, e encontrou sob as águas toda espécie de peixes brilhantes e grutas de coral de que você nem sequer suspeitava. Em setembro, quando achamos que fazia frio de mais para mergulhar, você ficou tristíssima e disse que estava apenas «no começo das explorações». Isso era muito semelhante ao que sinto agora, depois de todos estes anos com seu pai. Leva muito tempo até que se consiga explorar bem fundo, sob a superfície, o que de melhor existe no mar... ou no homem amado.

«A fidelidade é tão obsoleta como a roda de fiar», disse-me você a noite passada. «Quero que meu relacionamento com Doug seja inteiramente aberto, completamente livre, sem compromissos, sem vínculos.»

Você é uma moça inteligente, e muitas das suas objeções contra o casamento têm razão de ser. É um negócio arriscado. A proporção de fracassos é muito grande. Na verdade, cada geração tem realmente obrigação de examinar com sentido crítico as convenções do passado e tentar melhorar – mas *melhorar* verdadeiramente, não fazer apenas algo diverso.

Evidentemente, dadas as pressões do presente, existem muitos casos em que duas pessoas, ansiosas por fazer de seu casamento um sucesso, descobrem que simplesmente não podem viver juntas, e o casamento falha; mas, assim de repente, não consigo me lembrar de nenhuma iniciativa humana válida que não contenha risco de fracasso. Sua amiga Jenny quer ser atriz; você decidiu tentar fazer carreira na arte comercial. Ambas se arriscam a fracassar, mas vocês deixam que esse risco as desanime? O único seguro verdadeiro contra o fracasso é eliminar qualquer risco, e que espécie de vida vocês teriam então?

No entanto, o que me preocupa mais é que a espécie de contrato homem/mulher que você quer parece incluir alguns daqueles mesmos fatores que predestinam um

casamento ao fracasso e destroem qualquer relação sexual satisfatória. Não é o compromisso de um homem em relação a uma mulher (cada um se preocupando mais com a felicidade do outro do que com a sua) que destrói um relacionamento; é a falta de tal compromisso, a atitude «o que conta sou eu». Sem compromisso, o sexo torna-se mecânico, impessoal, sem qualquer realização real.

«Acreditar que só existe um príncipe encantado, para mim, é uma história de fadas», diz você. Concordo plenamente. Você é uma moça sensível, que sabe raciocinar; se você tentasse (e acrescentasse a isso uma pitada de senso de humor), estou certa de que conseguiria construir um relacionamento satisfatório com qualquer homem razoavelmente compatível. Mas será que você o conseguiria com muitos? Ou descobriria que cada um deles era prejudicado pelos demais? Se você dormir em dez camas diferentes, em vez de numa só, terá uma vida mais cheia, mais excitante? Ou será como nossos vizinhos, os Robertsons, que contam o número de países estrangeiros que «conhecem» pelo número de hotéis de luxo onde dormiram? Eles nunca correm o risco de experimentar o mundo tal como ele é – a multidão de corpos suados numa rua de cidade, ou a poeira de uma estrada em pleno campo. Temerosos de qualquer intimidade real (como suspeito que sejam esse «maridos

de passagem» em suas relações sexuais), eles não sofrem nenhum desconforto, e também perdem todas as satisfações duradouras.

Você diz que quer ter a liberdade de se desfazer dos relacionamentos antigos quando deixarem de ser agradáveis, e eu fico comovida com sua idéia de que vai ter sempre um rosto jovem e um corpo ágil e bonito como tem agora. Os anos passam com velocidade alarmante. Quantas mulheres ainda levarão uma vida desse gênero aos 50 anos? Ou aos 60?

Ninguém envelhece nunca o suficiente para prescindir da intimidade física – um afago carinhoso, uma mão amiga. Mesmo que isso lhe pareça impossível, o desejo sexual continua a existir, também, para a maioria das pessoas saudáveis, até os 70 anos – e mesmo depois. A necessidade de companhia, no entanto, é ainda maior. Durante a vida de seus avós, o mundo mudou mais do que nos mil anos que precederam o nascimento deles. A maioria de seus amigos desapareceu, seus vizinhos mudaram-se para outros lugares. Pertencendo a uma outra era, vovó e vovô parecem estrangeiros no meio em que vivem, mas eles se têm um ao outro.

Para mantermos nosso equilíbrio no mundo atual sempre sem modificação, precisamos daquilo que Alvin Toffler chama de «zonas de estabilidade», uma parte de nossas vidas que se mantém imutável. Precisamos de alguém que

nos conheceu quando éramos jovens e que nos conhecerá quando formos velhos – alguém que saiba quem somos, quem fomos, de que precisamos, com que sonhamos.

No seu quarto, existe um *poster* com algumas palavras de Frederick S. Perls, que você pregou na parede quando fez 16 anos:

*Faço o que quero, e você também.
Não vim ao mundo para satis-
[fazê-lo.*

Nem você a mim.

Eu sou eu, você é você.

*E se, por acaso, nos encontrar-
[mos, tanto melhor!**

Quando você tinha 16 anos, estas palavras pareciam certas. Têm uma espécie de liberdade cadenciada que devia ser parte da adolescência, mas, do mesmo modo que você passou da idade de brincar de comidinha, também ultrapassou esse *poster*. Nunca se cresce completamente (qualquer que seja nossa idade), até que se esteja disposto a aceitar a responsabilidade pela felicidade de alguém. Entre um homem e uma mulher, só

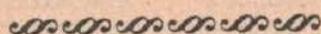
é possível existir intimidade real quando ambos atingiram esse nível de maturidade. Querer estar à altura das esperanças do outro, dos sonhos do outro, é atravessar de um salto o abismo vazio da solidão – aquele aspecto mais terrível da condição humana.

Não quero induzi-la em erro. Mesmo para duas pessoas razoavelmente amadurecidas e que se amam muito, o casamento, tal como tudo na vida, é algo de espantoso. Significa raiva e sofrimento, preocupação com seus próprios sentimentos feridos e também preocupação ainda mais profunda com as mágoas do outro. São os sucessos celebrados juntamente e as derrotas (que, de outro modo, seriam esmagadoras) que se partilham. Tão importante como as demais coisas pode ser o humor. É o gesto de ternura, às vezes tolo, mostrando que a gente se importa. Para mim, é seu pai, o mais pontual dos homens, atrasando-se de manhã para colher uma rosa (e, uma vez, sujando de sangue uma gravata nova quando feriu o dedo num espinho), só para alegrar meu dia. Eu acho que é isso (essa rosa com espinhos ou aquilo que ela significa) que eu tanto desejo para você.

Com o amor da

Mamãe

* Este poema apareceu publicado em *Gestalt Theory: Excitement and Growth in Human Personality*, de autoria de Paul Goodman, Ralph F. Hefferline e Frederick S. Perls, © 1952 de Julian Press.



POR LIBERDADE, entendo o triunfo do indivíduo sobre a autoridade que busca governar pelo despotismo e sobre as massas que reinvidicam o direito de sujeitarem a minoria à maioria.

– Benjamin Constant